

As Transformações dos Contos de Fadas e o Surgimento da Infância

*Luciana Pessolato*¹
*Maurício Bronzatto*²

Resumo

Este artigo tem por objetivo descrever as mudanças pelas quais passaram os contos de fadas, à medida que foram se distanciando de uma tradição oral e se convertendo gradualmente em literatura infantil. Pretende também mostrar como, paralelamente à transformação dos contos e em razão do advento da ascensão da família burguesa, a concepção da infância foi-se alterando. Notáveis entre os que contribuíram para que os contos fossem reunidos e ganhassem um registro escrito, além de uma adaptação ao público infantil, destacam-se Charles Perrault, os Irmãos Grimm e Hans Christian Andersen. Sua influência se traduz principalmente por uma preocupação pedagógica, segundo a qual as histórias deveriam servir para instruir moralmente, o que marcou de forma simbólica o momento de transição em que a criança deixava de ser considerada um adulto em miniatura e demandava um novo modelo de educação. Conclui-se com um breve histórico sobre o surgimento da literatura infantil no Brasil. Inicialmente com finalidades pedagógicas e moralizantes, somente mais tarde, com a produção literária de Monteiro Lobato, passou a valorizar o lúdico e a fantasia.

Palavras-chave: Contos de fadas. Literatura infantil. Concepção da infância.

1. A atração por ouvir e contar histórias e a crise de sua transmissão oral

Este artigo, de início, evidencia alguns aspectos curiosos que muitas vezes passam despercebidos quando o tema “contos de fadas” é abordado: a origem da atração por histórias, a curiosidade que nos acompanha desde os primeiros anos de nossas vidas, a forma como somos inseridos no maravilhoso mundo da imaginação e como isso nos ajuda com nossos conflitos e questões nunca revelados a nenhum

¹ Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Administração e Ciências Contábeis de São Roque. Atualmente é aluna do Programa de Pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Educacional da FAC São Roque.

² Graduado em Letras e em Pedagogia. Doutorado em Educação Escolar pela UNESP Araraquara. Professor dos cursos de Pedagogia, Administração e Ciências Contábeis da FAC São Roque.

adulto, mas que são de extrema importância para o desenvolvimento humano. Paralelamente, mostra, também, a tradição da oralidade e como esta vem se transformando e muitas vezes ficando esquecida frente aos avanços tecnológicos e diante desse novo modelo de sociedade e de famílias que entregam a formação de seus filhos “nas mãos” de especialistas sobre a infância, de programas de TV e até mesmo de desconhecidos que passam a maior parte do tempo com eles.

Nosso primeiro contato com a tradição oral se dá desde os primeiros anos de nossas vidas. Na convivência com nossos familiares, entramos em contato com a cultura em que estamos inseridos, tradições, normas, valores, ética. Ouvindo histórias sobre a vida de nossos antepassados, vamos adquirindo experiências e passamos a construir o que se chama capital cultural, isto é, a formação e bagagem de conhecimento com os quais já chegamos à escola, sem nem ao menos sermos alfabetizados. “A língua é o instrumento necessário e privilegiado de toda relação educativa [...] é em grande parte pela língua que se revela a cultura inicial, para não dizer primitiva, de toda criança”. (JEAN apud RADINO, 2003, p.35).

Durante muito tempo a aprendizagem valeu-se apenas da transmissão oral, contando com a utilização dos contos, cantigas, teatro, entre outros recursos. Ou seja, eram usadas todas as formas de comunicação oral e corporal para se transmitirem regras, valores, conceitos etc., já que num passado não muito remoto não existiam livros nem escolas como os conhecemos hoje e que são nosso referencial quando se fala sobre a relação de ensino e aprendizagem. Tampouco existia a atual concepção de infância. A leitura só foi introduzida como forma de transmissão de conhecimento por volta do século XV, com a invenção da prensa tipográfica. A partir daí surgiu uma nova cultura, a da “leitura”. Com esse avanço, os livros passaram a ser uma importante ferramenta na alfabetização, embora, segundo Radino (2003), não devam ser considerados a única fonte de conhecimento. Para esta autora, a leitura voltada às crianças deve ser feita de forma significativa, não se restringindo apenas aos livros. Deve ser concebida como um processo cultural e social que permita à criança uma leitura ampla do mundo por meio de todas as suas formas de expressão. Desse modo, torna-se imprescindível que consideremos a transmissão oral, forma essa que faz com que entremos em contato com todos os contos, mitos e histórias que resistem há séculos e permanecem vivos até os dias de hoje.

Apesar de muitos contos terem chegado até nós pela escrita, sua sobrevivência na história deve-se à tradição oral. Através de uma série de rituais interditos, os contos de fadas foram transmitidos e puderam, dessa forma, perpetuar-se durante séculos. O narrador transformava sua função em um cerimonial em que não só o que era transmitido importava, mas a ritualização de sua transmissão. (RADINO, 2003, p.38)

Contudo, com a impressão dos contos, a tradição da oralidade e o narrador foram ficando de lado. Isso se acentuou, mais recentemente, com o desenvolvimento tecnológico desenfreado e a globalização. Há, portanto, uma necessidade de se resgatar essa tradição oral e os contadores de histórias para que continuem vivos e alimentando a alma e o imaginário das crianças. A propósito das histórias como alimento para a alma, é interessante citar algo peculiar de um grupo étnico africano, os toradjas, cuja tradição de transmissão oral, valorizada por gerações, permanece viva até hoje (cf. TRAÇA apud RADINO, 2003). Nos períodos em que a comida é escassa, os contadores de histórias dos toradjas reúnem os membros da sua comunidade e servem-lhes como alimento os conhecimentos e as fantasias das narrativas, que realizam a dupla função de instruir e distrair. Sob o impacto das histórias, muitos acabam pegando no sono e esquecendo-se do momento difícil pelo qual estão passando. Desse modo, pode-se perceber a importância de um narrador, que se torna uma espécie de ponte entre o mundo real e o imaginário, tornando reais suas narrativas.

2. Como os contos de fadas tornaram-se literatura infantil

Os contos de fadas fazem parte da realidade humana, respondem a mistérios da existência vivenciados pelo indivíduo desde seus primeiros anos de vida. Embora, em sua origem, estejam ligados a uma realidade histórica bem distante da brasileira (a realidade socioeconômica da Europa medieval), os contos de fadas mapeiam nossos impulsos e temores conscientes e inconscientes e fazem parte de nossas experiências mais reais. Lidando com problemas universais, questionam ideias preconcebidas e até defendem causas perdidas.

A origem dos contos de fadas não pode ser datada precisamente, pois os primeiros registros dessas histórias estão em sermões de pregadores medievais que utilizavam elementos da tradição oral para ilustrar argumentos morais. Segundo RADINO (2003), quando começaram a ser escritos, os contos não eram direcionados ao

público infantil, já que não havia uma concepção de infância tal qual a conhecemos hoje. Como nos mostra Ariès (1981), até o século XI, as crianças viviam sem serem percebidas, num completo “anonimato”. Assim que deixavam os cueiros, viviam no meio de adultos e eram tratadas como tais. Somente após o século XIII, fato que pôde ser observado por Ariès por meio da análise de obras de arte e registros em diários de famílias, a infância passou a ser concebida de forma diferente. Naquela época, as famílias tinham muitos filhos na esperança de que pelo menos um sobrevivesse até a vida adulta, assim os pais não se apegavam aos pequenos, pois eles representavam apenas uma “perda eventual”. O conceito de família na elite medieval existia meramente como forma de conservação de bens; os filhos eram considerados apenas um meio de dar continuidade à honra da família e ao trono.

É importante observar que essa era a realidade de uma parte da sociedade. Entre as classes menos favorecidas, dos camponeses, por exemplo, a forma com que a criança era tratada e sua importância era ainda pior: entre eles, ter mais um filho representava ter mais “uma boca para alimentar”, ou seja, filhos representavam um peso para as famílias, que viviam em situação de miséria. Registros feitos por Darnton (apud RADINO, 2003) mostram que o abandono dos filhos era comum para que os camponeses não passassem de miseráveis a indigentes, como nos mostra o conto *O Pequeno Polegar*, narrado por Perrault, em publicação de 1691:

Chegou um ano muito ruim, e a fome foi tanta, que aquela pobre gente resolveu se desfazer dos filhos. Uma noite, enquanto as crianças dormiam, o lenhador estava ao pé do fogo com a mulher e disse, com o coração apertado de dor:

- Como você bem vê, não podemos mais alimentar nossos filhos. Não suportaria vê-los morrer de fome diante dos meus olhos. Resolvi levá-los amanhã cedo até o bosque e deixá-los se perderem. Vai ser fácil. Enquanto eles se distraem fazendo feixes de gravetos, nós dois fugimos antes que nos vejam. (PERRAULT apud RADINO, 2003, p.64)

Todo esse contexto deve ser levado em conta ao fazermos uma análise dos contos e suas transformações ao longo da história. Essas histórias mostram que a realidade econômica da época em que eles circulavam oralmente era muito desigual entre as diferentes classes sociais existentes.

As condições humanas retratadas em muitas das histórias da época, com seus órfãos, madrastas, períodos de fome, fazem dos contos documentos históricos sobre a França e outros países de então. Registros feitos por Darnton (apud RADINO, 2003)

nos mostram ainda que os camponeses, apesar de livres, tinham que se submeter ao sistema feudal, e isso não lhes dava condições de sustento, então trabalhavam juntos para poderem sobreviver. Além disso, usavam da oralidade dos contos como uma “rota de fuga”, superando a situação humilhante a que eram submetidos, contando com a fantasia para livrarem-se do abuso da elite e satisfazerem sua fome de vingança.

Contudo, com a substituição do sistema feudal pela economia capitalista, começa a surgir uma nova estrutura familiar, independente, e os laços afetivos começam a aparecer de maneira mais significativa. Houve, então, uma preocupação maior com a criança. Aquelas de famílias aristocráticas eram encaminhadas à escola, onde liam grandes clássicos, livros religiosos e com ensinamentos morais e políticos, orientadas por educadores da época; em contrapartida, as crianças de classes populares liam ou ouviam histórias de cavalaria, aventuras e contos folclóricos que eram fielmente escritos de acordo com a tradição oral. Alguns contos de Perrault foram inseridos nessas edições que eram direcionados ao “povo do campo” e às crianças.

2.1 Charles Perrault

Charles Perrault (1628-1703) foi um dos primeiros a registrar os contos populares franceses. Ainda que não direcionasse suas obras diretamente à criança, tinha a preocupação de adaptá-las de forma a que pudessem ser ouvidas por elas. Perrault se ocupou, em grande medida, com a coleta e edição das histórias para que estas pudessem ser contadas à realeza da corte do rei Luiz XIV (1638-1715). Sua primeira publicação foi em 1697. As narrativas orais ganharam, então, uma forma escrita e foram acrescidas de ricos detalhes descritivos. Perrault eliminou, tanto quanto possível, passagens obscenas ou repugnantes que continham incestos, canibalismo e sexo grupal a fim de manter seu apelo literário junto ao gosto de seus ouvintes, pois estes viviam nessa época sob o contexto do conflito religioso entre católicos e protestantes. Além disso, devido ao distanciamento das camadas populares e desprezo pela sua cultura, os cortesãos só conheciam tais histórias pela inevitável presença de governantas e serviçais em suas residências e seu contato com o comércio que era formado geralmente por classes inferiores, com destaque para os camponeses.

Ao final de cada narrativa, Perrault introduzia, sob a forma de versos, a “moral da história”, traduzindo sua preocupação pedagógica, segundo a qual as histórias

deveriam servir para instruir moralmente, marcando de forma simbólica a transição da sociedade com um retrato de concepção da infância que estava se consolidando na época, à medida que as narrativas transmitiam valores e papéis sociais de membros da família de acordo com um novo modelo de educação que estava sendo criado. Contudo, a primeira referência de obra direcionada ao público infantil é uma coletânea de cantigas infantis, publicada por Mary Cooper em 1744, com o título “Para todos os pequenos senhores e senhoritas, para que possa ser cantado por suas babás até que possam cantar sozinhos”. Uma segunda coletânea foi “Melodia da Mamãe Gansa”, de 1760, provavelmente do livreiro Newbery. Vale observar, no entanto, que “Quanto mais os contos de fadas se aproximam das crianças, mais são moralizados” (RADINO, 2003, p. 78).

É importante lembrar que nessa época várias mudanças começaram a ocorrer na sociedade por causa da superação de fundamentos políticos, econômicos, morais e sociais. Isso se deu devido à ascensão da família burguesa, que passa a reivindicar formas mais concretas de vida, surgindo, assim, as primeiras preocupações com a educação das crianças pequenas. Essas preocupações resultam do reconhecimento e valorização que a criança passou a ter no meio em que vivia. Mudanças significativas ocorreram nas atitudes das famílias em relação às crianças que, inicialmente, eram educadas a partir de aprendizagens adquiridas com os adultos. Foi então que começou a surgir o sentimento de infância, particularidade que distingue a criança do adulto. Os contos de Perrault, como ficou dito, são um registro significativo dessa transição.

2.2 Os Irmãos Grimm

Um século depois de Perrault, aparecem os “Irmãos Grimm”. Jacob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859) nasceram na Alemanha, viveram sua infância na aldeia de Steinau e, após a morte de seu pai, sua família, que era muito extensa, passou a ter dificuldades, então Jacob e Wilhelm foram enviados a morar com sua tia, na cidade de Kassel, onde cursaram o equivalente ao ensino médio e tiveram contato com antigos manuscritos e documentos históricos do acervo particular de um de seus professores, familiarizando-se assim com obras do Romantismo e cantigas de amor medievais. Passaram, então, a ganhar a vida como bibliotecários e foram contratados pelos escritores Achim Von Achim e Clemens Brentano para colaborarem com o

projeto de algumas de suas obras. Por meio deles, também tomaram conhecimento da obra de Giambattista Basile, que reunia narrativas por ele colhidas da oralidade popular da Itália, antes da publicação dos contos de Perrault na França, em 1697. Deste momento em diante, os Irmãos passaram a buscar cada vez mais narrativas de fontes impressas e até publicações de jornais da época. Logo também passaram a reunir fontes orais e em sua publicação de 1812, além de 16 narrativas absorvidas de publicações e manuscritos, havia registros de narrativas colhidas de amigos e conhecidos. Uma das pessoas que mais contribuíram nessa fase foi Katharina Dorothea Viehmann (1755-1815), uma mulher culta, que ia constantemente à casa dos Irmãos para vender-lhes frutas e verduras. Ao todo, Katharina, que ficou conhecida como “a mulher dos contos de fadas” (Marchenfrau), subsidiou os Irmãos com cerca de 40 contos.

Os Grimm não alteravam as narrativas e seu contexto, o que não significa que as tratavam com total imparcialidade. Quando os contos chegavam ao seu conhecimento por diversas fontes, analisavam e selecionavam a versão mais próxima e conservavam seu protótipo original. E assim, de 1812 até 1857, os contos foram sendo revistos em cada versão, recebendo alterações pedagógicas que moldavam as histórias para o público infantil, inclusive com a colocação de dogmas cristãos e valores da época.

O grande diferencial das narrativas dos Grimm é que sempre em suas edições buscavam aumentar as descrições, tornando-as mais cativantes, de modo que o leitor pudesse se sentir dentro da história. Substituíam, além da fala do narrador pela dos personagens, expressões inúteis ou repetitivas e desajeitadas, fazendo com que os contos se tornassem uniformes e coerentes em uma linguagem prática – um modelo do que seria um “típico conto de fadas”.

Seus contos tratam da eterna luta pela existência, seja externa, a partir de privações, ou interna, frente às injustiças, em que os heróis conseguem vencer as adversidades e formar um novo lar. Apesar de até hoje não existir uma tradução brasileira completa das obras dos irmãos Grimm, Adelino Brandão (1995) mostra a forte influência, mesmo que indireta, de seus contos na cultura popular brasileira. (RADINO, 2003, p. 86)

2.3 Hans Christian Andersen

Quase que paralelamente a todos esses acontecimentos, nasce, em 1805, em Odense, na Alemanha, Hans Christian Andersen, que mais tarde seria considerado o precursor da literatura infantil mundial.

Andersen nasceu em uma família muito humilde, frequentou a escola até 1816 e após a morte de seu pai, parou os estudos e passou a trabalhar para ajudar no sustento da casa. Em seu tempo livre, dedicava-se a ler o maior número de livros que conseguisse. Em 1828, entrou para uma universidade e acabou publicando seu primeiro trabalho, “Um passeio desde o canal de Holmen até a ponta leste da ilha Amager”. E foi em 1835 que conseguiu o reconhecimento internacional ao lançar a obra “O Improvisador”.

Tanto quanto Perrault e Grimm, Andersen também resgatou a cultura popular. Mas, de forma diferente, ele vivenciou seus relatos, projetou em seus contos sua própria vivência. Muitas de suas histórias são autobiográficas, ou seja, fazem referências de forma direta ou indireta às suas experiências na infância, como em “O Patinho Feio”. Essa é sua marca. Seus contos revelam, com muita ternura, o lado triste e violento da vida: “escreveu com ternura, sem pieguices e, realista que foi, não omitiu os traços da violência que parecem inerentes à vida. Violência ou injustiça contra os desvalidos: eis o que o tocou mais fundo” (COELHO apud RADINO, 2003, p. 87)

Em suas obras, Andersen falava de sentimentos humanos de forma poética e verdadeira. A partir do cotidiano, criava situações fantásticas, seres cheios de mistérios, dava vida a objetos, aproveitava a condição de pensamento animista infantil para usar e abusar deste recurso. Porém alguns de seus contos possuem um final triste, motivo pelo qual estes não são muito oferecidos para as crianças. Outros são adaptados, como o conto “Pequena Sereia”, cuja versão para o cinema recebeu um final feliz típico dos contos de fadas. Contudo, independentemente de seu final, os contos de Andersen são muito apreciados pelas crianças, e a moralidade neles encontrada é sutil, em vez de doutrinária e explícita, como na maioria dos contos de fadas.

Andersen faleceu em 1875, após complicações em sua saúde. Foi consagrado o precursor da literatura infantil. Em sua homenagem, 2 de abril, dia do seu nascimento, é considerado o Dia Internacional da Literatura Infantil.

2.4 A literatura infantil no Brasil

Já no Brasil, a chegada da literatura infantil está relacionada com a preocupação pedagógica de se criar algo que pudesse ser utilizado nas escolas. Por volta de 1808, a corte portuguesa mudou-se para cá dando surgimento à classe média, e a cultura, pouco a pouco, tornou-se um valor socialmente reconhecido. Passou-se, então, a uma preocupação com o desenvolvimento escolar; a alfabetização era realizada por meio de modelos de cartilhas e com base na gramática de Portugal e da França. A partir disso, alguns educadores da época começaram a mostrar a importância de se criar algo que fizesse parte da cultura do país. Foram, então, produzidos alguns livros com ênfase em valores como nacionalismo, intelectualismo, tradicionalismo cultural, moralismo e religiosidade. Nesse período, surgem alguns livros brasileiros baseados nesses valores direcionados mais ao pedagógico do que ao lúdico: “Os contos da Carochinha”, algumas coleções intituladas “Histórias da Baratinha”, “Histórias da Avozinha”, “Contos de Fadas” etc., de Figueiredo Pimentel (1896-1914), são bons exemplos dessa produção literária.

Para romper com o tradicionalismo das estórias tradicionais de cunho moralista e didático, surge Monteiro Lobato (1882-1948), produzindo uma literatura que valoriza o lúdico e a fantasia. “[...] neste ponto é que pode ser considerado transformador, já que trata de uma nova concepção de infância e educação” (RADINO, 2003 p. 100).

Segundo Vieira (apud RADINO, 2003), até então a criança era tratada como miniatura do adulto. Já em suas obras, Lobato, com base em seus próprios filhos, concebe a criança como ser em desenvolvimento e transformação, tendo um papel fundamental na sociedade. Suas obras não relatavam fatos reais, mas tinham a intenção de inserir a criança em outro mundo, fora de sua realidade, para que ao iniciar a leitura, a criança pudesse se sentir dentro da história. A fusão entre o real e o imaginário permitia que a criança ficasse livre e aprendesse brincando. Além de suas próprias obras, Lobato também foi de grande importância ao realizar traduções e adaptações das obras de Perrault, Grimm, Collor e Carrol, entre outros.

Construir um texto que valorize a fantasia e deixe de lado o caráter realista constituiu um dos eixos centrais da ruptura de Lobato: “[...] O texto deveria não auxiliar a criança na inserção da realidade adulta, transmitindo-lhes preceitos morais, mas permitir que ela se evadisse da vida cotidiana, transportando-se para um universo interno ao texto.” (GOUVEIA apud RADINO, 2003, p.101)

3. Conclusão

À medida que as transformações nos contos foram ocorrendo (desde os primeiros registros de contos nas épocas medievais, passando pelos serões dos camponeses e posteriormente pelos saraus da realeza, até os dias de hoje), pôde-se perceber também que a concepção da infância passou a mudar. Os contos passaram por diversas transformações, seus textos se atualizaram, trazendo de forma lúdica e prazerosa oportunidades diferentes para a criança perceber e compreender o mundo; algumas produções se propuseram a oferecer ao público infantil uma visão crítica e questionadora da realidade. Resta saber se essa atualização não vem descaracterizando a essência dos contos, principalmente no que diz respeito à fantasia, matéria-prima da qual o universo infantil tem enorme necessidade. Eis aí um bom motivo temático para uma futura investigação.

Referências

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

Hans Christian Andersen. **Poeta e escritor dinamarquês**. Disponível em www.tvsinopse.kinghost.net/art/h/andersen. Acesso dia 02.jun.2013.

Literatura Infantil. **A contribuição dos contos de fadas para a construção do imaginário infantil**. Francy Rennia Aguiar Farias. Disponível em <<http://www.facsao Roque.br/novo/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/Francy.pdf>> Acesso dia 5 de mai. 2013.

RADINO, Glória. **Contos de fadas e realidade psíquica: a importância da fantasia no desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

VOLOBUEF, Karim. **Contos de fadas dos irmãos Grimm**. Carta Fundamental: Revista do professor, Ed. n° 44, p. 20-25, São Paulo, 2012.